

A CARACTERÍSTICA ORIGINÁRIA DA VIDA: KEIJI NISHITANI LEITOR DO ZARATUSTRAS DE NIETZSCHE E DE MESTRE ECKHART

THE ORIGINARY CHARACTERISTIC OF LIFE: KEIJI NISHITANI READER OF NIETZSCHE'S ZARATHUSTRA AND MASTER ECKHART

LUIZ FERNANDO FONTES-TEIXEIRA (*)



(*) **Luiz Fernando Fontes-Teixeira** é Psicanalista e Doutor, Mestre e Licenciado em Filosofia. Licenciatura em Educomunicação (2017, USP), Doutorado em Filosofia (2014, UFRN), Mestrado em Filosofia (2010, UFRN) e Licenciatura em Filosofia (2007, UFRN). Realizou estágio de Pós-Doutorado em Filosofia (2018, UNIFESP) e atuou como Professor Substituto de Filosofia Geral (2011, UFRN) e Estética Filosófica (2010, UFRN).

Email:

luizfernandofontesteixeira@gmail.com

Resumo: Em 1937, o filósofo japonês Keiji Nishitani desembarcou na Europa pela primeira vez. Por uma série de eventualidades, ele acabou se dirigindo para Freiburg, onde passou dois anos estudando ao lado de Heidegger. A partir dos cursos de Heidegger sobre Nietzsche, Nishitani atinou para uma série de tópicos que, alguns anos mais tarde, tornar-se-iam fundamentais no desenrolar de sua obra. Nesse ínterim, apresentou um seminário intitulado O Zarathustra de Nietzsche e Mestre Eckhart. Este trabalho pretende apresentar as principais considerações de Nishitani, em seu seminário, buscando ainda refletir sobre a recepção contemporânea de Nietzsche e Eckhart no diálogo entre Oriente e Ocidente.

Palavras-chave: Friedrich Nietzsche, Keiji Nishitani, Mestre Eckhart, Zarathustra.

Abstract: In 1937, Japanese philosopher Keiji Nishitani arrived in Europe for the first time. Due to a series of eventualities, he went to Freiburg, where he spent two years studying under the supervision of Heidegger. From Heidegger's seminars on Nietzsche, Nishitani became aware of several topics, which (few years later) would become grounding issues within his work. Meanwhile, he presented a seminar entitled Nietzsche's Zarathustra and Master Eckhart. This work intent to present the main considerations of Nishitani in his seminar, seeking to reflect on the contemporary reception of Nietzsche and Eckhart in the dialogue between East and West.

Key words: Friedrich Nietzsche, Keiji Nishitani, Master Eckhart, and Zarathustra.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Contava eu 14 ou 15 anos quando me apropriei de uma velha edição do *Zaratustra* de Nietzsche, que pertencia a uma tia, irmã de minha mãe. Ainda guardo comigo o volume de capa dura bordô, com letras brancas já desgastadas e detalhes dourados quase apagados devido ao manuseio excessivo. A obra, traduzida por Mário da Silva, publicada pela editora Círculo do Livro de São Paulo e sem data de publicação, registra meu nome carimbado ao lado da assinatura de minha tia, que nunca mais reouvera o livro. Como se costuma dizer: “existem dois tipos de burro, aquele que empresta um livro e aquele que o devolve”.

Não possuía as ferramentas necessárias, naquele período, para compreender o mínimo que fosse do sentido do *Zaratustra*. Tampouco tinha condições de apreender a envergadura do pensamento de Nietzsche. Todavia, recordo-me do impacto causado pela leitura das primeiras páginas do Prólogo, nas quais, após descer da montanha e retornar ao mundo dos homens, Zaratustra encontra um velho santo louvando a Deus e, ao se retirar, fala ao seu próprio coração: “Será possível! Este velho santo em sua floresta, não ouviu falar que *Deus está morto!*” (ZA, Prólogo 2, KSA 4.14).

A leitura dessa passagem, por mais descontextualizada que estivesse em minha cabeça, marcou-me profundamente (como muito provavelmente marcaria qualquer adolescente rebelde aspirante a ateu), sendo responsável ainda por meu ingresso na graduação em Filosofia, nos idos de 2005. Em períodos de recessão severa, típicos da carreira de qualquer jovem filósofo (sobretudo dos que não nasceram em berço de ouro), condenava mil vezes o *Zaratustra* de Nietzsche por ter me lançado para a amaldiçoada profissão assalariada, para as horas perdidas de estudo, para os artigos rejeitados por periódicos e para o semblante perverso e assustador dos membros das bancas de concurso. Não era culpa de Nietzsche, todavia. Tardou para que eu pudesse entender os motivos pelos quais essa passagem do Prólogo havia me tocado tão intensamente.

Somente em meados de 2006, quando comecei a acompanhar os seminários matinais do Professor Oscar Federico Bauchwitz, pude esclarecer os enlaces promovidos pelo discurso de Nietzsche. Em um dos cursos sobre Mestre Eckhart, engajado na leitura

do *Sermão 52*, o Professor Bauchwitz meditava em torno à seguinte passagem: “Onde o homem conserva em si um lugar, aí conserva uma diferença. Portanto, peço a deus que me livre de ‘deus’.” (Quint, Pr. 52, DW II, 502-503). O Professor direcionava a leitura dos estudantes pela crítica da metafísica contida na reflexão de Eckhart, alertando ainda para uma passagem intrigante da *Gaia Ciência*, na qual Nietzsche questionava: “Não quereríamos dizer hoje, acerca da moralidade, como disse outrora Mestre Eckhart: eu rogo a Deus que me livre de deus!” (FW/GC, *An die Moral-Predigter* 292, KSA 3.533).

Algo da ordem de um indício, aceno ou vislumbre da passagem do Prólogo de *Zarathustra* se iluminava a partir dessa conexão. Ao citar o pregador cristão, no contexto da crítica à moralidade, Nietzsche evocava um diálogo com uma perspectiva de deidade que não se mais ancorava na esteira da tradição metafísica, mas que emergia desde uma rigorosa especulação acerca da pobreza. E não estou me referindo aqui à pobreza que me afligia na época em que dependia de bolsas de pós-graduação para fomentar minha subsistência.

À primeira vista, o mais surpreendente é observar Nietzsche citando um autor cristão, diga-se de passagem, extremamente cristão. Mestre Eckhart era um pregador, herdeiro da Escola Renana e da recepção aristotélica de Alberto Magno. Entretanto, a despeito do discurso de fé amplamente difundido em seus sermões, Eckhart possuía uma maneira distinta de desdobrar as categorias de seu pensamento. Leitor assíduo de Proclo e dos neoplatônicos, tanto pagãos quanto cristãos, ele se apropriou de uma reflexão que já não era ontológica, mas henológica, ou ainda, meontológica, onde o Ser cedia lugar ao Uno e, em última instância, ao Não-Ser. Ponderando isso, fica fácil conectar os pontos e concluir o porquê de Nietzsche, crítico da metafísica, citar Eckhart.

Alguns anos depois, já devotado ao estudo da filosofia comparada intercultural, todavia ainda intrigado com a relação entre Nietzsche e Eckhart, deparei-me com um fato inusitado: James Heisig relatava, no manual propedêutico *Filósofos do nada* (2001), que o filósofo japonês Keiji Nishitani havia apresentado um seminário sob o título “O Zarathustra de Nietzsche e Mestre Eckhart” (cf. HEISIG, 2001, p. 184). Empolguei-me imediatamente com a possibilidade de traçar um estudo comparativo entre Nishitani, Nietzsche e Eckhart. Contudo, tardou para que eu tivesse acesso ao escrito, bem como para que eu congregasse as habilidades necessárias para lê-lo. Depois de um longo

período de espera, recebi de James Heisig, por intermédio de Graham Parkes, uma versão digitalizada do original, extraído diretamente das *Obras reunidas de Keiji Nishitani*.

Não foi de pouca monta o meu espanto quando percebi que, logo no início de seu seminário, Nishitani cita justamente a passagem do Prólogo do *Zaratustra* na qual ele se encontra com o velho santo na floresta – aquela mesma que havia me cativado uma década mais cedo. Impulsionado pelo êxtase do reencontro, mas tomado por uma certa hesitação, realizei algumas leituras desse trabalho e, devo agora confessar, nenhuma delas me parece suficiente para que eu fale com fluência desse texto. Contudo, mesmo assim, gostaria de compartilhar alguns aspectos mais gerais do escrito de Nishitani, para que possamos, talvez a partir daí, alavancar um diálogo frutífero. Portanto, acredito que seja pertinente iniciar explicando um pouco do contexto geral no qual essa obra se insere.

2. NISHITANI VAI À EUROPA

Em 1937, Keiji Nishitani já havia trilhado um longo percurso como professor secundário em escolas de sua região. Havia ainda atuado como instrutor temporário na Universidade de Ōtani e assumido, desde 1935, o posto de professor assistente na Universidade Imperial de Kyōto. Ademais, havia também publicado alguns ensaios em revistas especializadas acerca da Estética Transcendental de Kant, do Idealismo Alemão, com ênfase na obra de Schelling, além de trabalhos sobre Plotino e a história da mística europeia. Nesse mesmo ano, o Ministério da Educação do Japão concedeu a Nishitani uma bolsa de estudos para se estabelecer durante dois anos na Europa. Movido pelas questões que o acoassavam naquele momento, decidiu ir para a França estudar com Henri Bergson. Contudo, Bergson se encontrava velho, doente e não podia mais receber alunos. Por esse motivo, Nishitani se dirigiu para Freiburg im Breisgau, para se encontrar com um professor que vinha ganhando notória popularidade: Martin Heidegger.

Naquela época, Heidegger ministrava seus cursos periódicos sobre Nietzsche. No semestre de inverno de 1936-1937 havia abordado a Vontade de Poder. No semestre de verão, que se seguiu, tratou da “Posição metafísica fundamental de Nietzsche e o pensamento ocidental” e ainda do “Eterno Retorno do Mesmo”. Entre 1938 e 1939, Heidegger lecionou em torno à segunda das *Considerações Intempestivas* e, logo após, veio o curso intitulado “A doutrina nietzscheana da vontade de poder como

conhecimento”, encerrando com a preleção “Nietzsche: o niilismo europeu”. Foi no ambiente de tais reflexões que Nishitani pode acompanhar as discussões levantadas por Heidegger e apresentar, também ele, seu próprio seminário.

O Zarathustra de Nietzsche e Mestre Eckhart foi escrito originalmente em alemão, sendo reescrito em japonês em 1938 e publicado algum tempo depois. É sabido que Heidegger citou Eckhart com parcimônia, evitando quaisquer referências muito explícitas à mística medieval e ao neoplatonismo. Todavia, Nishitani, como todo bom aluno, aproveitou o ensejo e as chaves de leitura do mestre para conduzir suas próprias interpretações e se aventurar em uma leitura singular a respeito dos tópicos que circundavam os seminários de Heidegger. Não sabemos qual foi a recepção da leitura de Nishitani, mas é possível especular que muitas das considerações propostas ao longo do trabalho parecem estar perfeitamente alinhadas com o pensamento heideggeriano, sobretudo aquele que aparece após os anos de 1940. Resta-nos apenas acompanhar o texto e investigar se tais conexões são possíveis ou não. Portanto, vamos ao seminário!

3. O SEMINÁRIO DE NISHITANI

Nishitani divide seu seminário em três partes: 1. A característica originária da vida em Nietzsche; 2. A característica originária da vida em Eckhart; e 3. Vida religiosa e espírito positivo. As duas primeiras partes são mais técnicas e se ocupam estritamente de elucidar aspectos centrais da doutrina de ambos os pensadores. Apenas na terceira parte é possível vislumbrar os motivos pelos quais Nishitani se ocupa de estabelecer um paralelo entre Nietzsche e Eckhart.

É curioso que ele posicione Nietzsche antes de Eckhart – o que cronologicamente não faz muito sentido. Ficam evidentes, com isso, duas coisas básicas: a primeira, que seu objetivo não é afirmar que Eckhart teria influenciado diretamente Nietzsche; a segunda, que o problema que ele persegue possui uma inspiração muito maior nas alterações levantadas por Nietzsche do que nos sermões de Eckhart.

Ao partir da afirmação da morte de Deus em Nietzsche, Nishitani possui o intento muito claro de diferenciar a posição nietzscheana do ateísmo comum. Ele enfatiza que quando Zarathustra passou pela primeira vez pela floresta, estava morto para o mundo dos homens. Foi na revelação de sua solidão que Zarathustra mudou seu coração,

transformando suas cinzas em vida transbordante. Só então ele pode retornar ao mundo dos homens. Nishitani afirma: “Zaratustra, ao invés de depositar suas cinzas na floresta, teve que esperar no topo da montanha uma metamorfose maior, uma negação da negação da vida”. (NKC 1, 8). Essa negação da negação da vida será a chave por meio da qual Nishitani compreenderá o que ele nomeia como “característica originária da vida”.

Nishitani fará uma comparação direta entre o momento de negação da negação da vida no Zaratustra de Nietzsche com a expressão do Uno em Plotino, chegando à conclusão de que as hipóteses plotinianas representam o movimento de Zaratustra através da metamorfose. Nesse sentido, a vida originária só poderia compartilhar aquelas mesmas características do Uno, isto é, algo inefável, inexprimível, incompreensível.

Ele prossegue constatando que: “Quando dizemos que a vida se enche, dizemos que a água da vida transborda e quebra a aparência do cálice. A forma do *self* que persistia, tornou-se vazio e é julgado a partir do interior. O *self* não é mais uma substância” (NKC 1, 8-9). Para Nishitani, a única coisa que pode capturar esse sentido é “uma forma infinita e indefinida”, como aquilo que aparece quando a vida se destitui de si mesma, isto é, o abismo sem fundo. Nishitani conclui que a palavra “Deus está morto” indica o abismo da vida. Essa vida não se manifesta no discurso sobre o “amor de Deus”, “a face de Deus” ou “o renascer em Deus”, nem em uma vida que possa ser expressa em uma união com Deus. A divinização da vida ocorre justamente no movimento contrário, no qual se percebe aquilo que seria a característica mais fundamental da deidade: a forma infinita e indefinida que se desvela na negação da negação da vida.

Muitos elementos da doutrina de Mestre Eckhart vão se anunciando ao longo de sua exposição sobre Nietzsche. Quando Nishitani chega a Eckhart, ele possui a intenção inicial de diferenciar duas categorias distintas em seu pensamento: a diferença entre Deus e deidade, ancorada na distinção entre “estar unido a Deus” e um “ser uno com Deus”. Esse último dá margem para a compreensão da noção de desprendimento em Eckhart. Para Nishitani, desprendimento nomeia a dissolução daquilo que designamos como “eu”. Nesse processo, “a vontade do eu” é a primeira coisa a ser diluída. Trata-se da “doutrina do abandono”, extraída por Eckhart do *Evangelho de Marcos* e da *Teologia Mística* do Pseudo-Dionísio Areopagita, nomeada sob o signo da *gelassen*.

Este é o momento no qual o abandono apreço como “livre, absoluta e pura separação de ti mesmo”, para citar as palavras do próprio Pseudo-Dionísio, abrindo espaço para a cisão, ou corte, promovido pelo desprendimento, o encontro do ser humano consigo mesmo na corte com a vida. Nishitani exalta ainda que esse encontro verdadeiro do ser humano consigo mesmo, no nada da deidade, dá-se em Eckhart na imediata vida cotidiana, antes do que em qualquer tipo de clausura intelectual embriagadora. Ainda que no sentido do desprendimento, não se trata de uma contemplação perdida da imagem ou ideia de Deus, pelo simples motivo de que Deus está além de todo entendimento intelectual, ou mesmo de qualquer tipo de intelecção intuitiva.

Nishitani interpretará essa passagem de Eckhart por meio de uma dialética complexa, na qual a negação da negação da vida é compreendida como autonegação de si mesma e, na parte inferior dessa negação, encontra-se a autoafirmação da vida que se recusa. Ele conclui afirmando que: “A característica originária da vida, a ausência de razão, a afirmação absoluta de “viver sem porquê” é o que está na origem da vida, onde quer que ela se mova.” (NKC 1, 16). O fundamento dessa origem não é de forma alguma ontológico, mas meontológico. Nesse sentido, Nishitani vê em Eckhart uma crítica da metafísica muito semelhante àquela apresentada por Nietzsche. Esse aspecto fica mais claro, quando Nishitani pontua:

Parece-me que aqui se abre um caminho através do qual o platonismo e aristotelismo, sendo ultrapassado, são revividos. Mas para isso, a fonte da vida deve ser o nada de todo ser, quando o antagonismo entre Deus e homem é excedido noeticamente. Excedendo o ser de Deus nas profundezas de Deus (Eckhart chamou de “deidade”), excedendo também o ser do Eu como Self (ego como substância), Deus e o homem se tornam puro Um em Nada e realizando uma única obra. O homem, com base no abismo que excedeu mesmo ser de Deus, ou seja, retorno a Deus mais profundamente, autenticamente retorna a si mesmo, libertar-se. Eckhart disse: "O fundo de Deus é meu fundo, meu fundo é o fundo de Deus (I, p 127.). Consequentemente, o olho de Deus e meu olho se tornam uma só visão, "aqui e agora", que ocorre antes do ato de ver a criação de Deus, é o além do ser de Deus. Para onde vamos no além do antagonismo entre o aquele e este mundo, é o lugar no qual o além se torna a mundanidade do mundo. É por isso que Eckhart disse que o homem se torna livre no nada de Deus, ou que o homem é livre, baseado no "poço sem fundo" que constitui seus próprios méritos. (NKC 1, 23-24)

A passagem retoma uma vez mais a negação da negação da vida, quiçá de forma mais radical, que implica a negação da negação da criação, ou o que Deus era quando ainda não era.

Em seu último tópico, “Vida Religiosa e Espírito Positivo”, Nishitani esclarece ao leitor que, embora tenha tentado encontrar uma inspiração fundamental comum em ambos, o *Zaratustra* de Nietzsche e Mestre Eckhart, ele não possui a intenção afirmar que suas doutrinas compartilham das mesmas categorias filosóficas. Curiosamente, o que ele enxerga de comum vige na sugestão de que Eckhart é o espírito mais medieval presente em Nietzsche que, por sua vez, é uma das mentes mais modernas de todos os tempos. Nesse sentido, ele afirma que, contra todas as probabilidades, Eckhart e Nietzsche se encontram no “apogeu da vida”, o primeiro no esforço de levar a mente para uma liberdade sem fronteiras dentro do complexo conhecimento teológico, o segundo por sua crítica rigorosa e radical contra o espírito da cultura moderna.

O que é possível constatar é que Nishitani observa em ambos uma mesma posição, ainda que em contextos completamente diferentes. Ele afirma: “A atitude fundamental que lhes é comum é o aprofundamento do movimento dialético da vida. É o aprofundamento da afirmação do homem através de sua negação”. (NKC 1, 25). Essa negação, para Nishitani, consiste em assumir, em primeiro lugar, que a afirmação do ser humano na união com Deus representa apenas um estágio intermediário. O último alcance da característica originária da vida, tanto para Eckhart quanto para Nietzsche, e conforme a interpretação de Nishitani, consiste em um “aqui e agora”, no abismo sem fundo da vida, onde Deus está morto.

4. CONTEXTUALIZANDO O SEMINÁRIO NO PENSAMENTO DE NISHITANI

Graham Parkes atenta para uma reivindicação de Nishitani de haver superado, em certa medida, o desenvolvimento das filosofias de pensadores como Hegel, Nietzsche e Heidegger (cf. PARKES, 2013b, pp. 189-190). Contudo, no cerne desta proposição está a ideia de que o que foi superado não foi propriamente o conteúdo da meditação, mas a forma da abordagem, ou seja, a perspectiva intercultural privilegiada da comparação filosófica de Nishitani.

Com o anúncio da morte de Deus e dos tempos de niilismo em Nietzsche, fica evidente um diagnóstico da atividade humana inerente aos valores que a guiam, por um lado, e a indução ao desespero suscitado pela projeção cognoscitiva ao ente, por outro. A

saída de Nietzsche por meio do “grande antídoto” da transvaloração de todos os valores é recebida em Nishitani considerando três ideias chave de sua leitura:

- (1) a constituição do fundamento da existência como uma experiência além da relação entre sujeito objeto;
- (2) a reação de retorno ao mesmo de toda atividade;
- (3) a noção de que não há nada que exista independente de circunstâncias e condicionamento.

Portanto, o que em Nietzsche seria postulado como destino enquanto o “mesmo” (o *ego fatum* nietzscheano), engendrando um ponto de vista criativo, em Nishitani seria entendido desde a ideia de que o mundo se move na esfera do mesmo, e o mesmo na esfera do mundo. O florescimento desta consideração se dá na afirmação nietzscheana do *amor fati* e da superação do abismo da grande suspeita niilista por meio da grande dor pela qual se renasce, o que será entendido em Nishitani a partir do retorno ao abismo, onde “(...) uma vez que alguém é libertado do abismo, a necessidade se torna um elemento desta vida de liberdade... Neste caso, necessidade se torna uma com a criatividade.” (NISHITANI, OP. CIT.: 52). Entretanto, a ressalva de Nishitani consiste que a afirmação resultante da superação do abismo niilista pode ainda ser superar e que a vontade de poder é ainda uma “coisa” chamada “vontade” (cf. IDEM, OP. CIT.: 234), cuja única possibilidade de ser pensada para além dos fundamentos que redundam no destino como mesmo seria, justamente, o ponto de vista do *śūnyatā*. Uma ilustração possível de “para onde” este ponto de vista levaria, pode ser encontrada quando Nishitani comenta a arte japonesa de arranjo de flores, a chamada *Ikebana*. Ali, fica nítido qual a postura que se assume quando se dá conta da vacuidade da realidade última e absoluta. Nishitani escreve:

Desde a perspectiva de sua natureza fundamental, todas as coisas no mundo são lâminas de grama sem raízes. Tal grama, entretanto, tendo fincado suas raízes no solo, esconde a si mesma em sua fundamental ausência de raízes (...) sendo cortadas de suas raízes, as flores são feitas, pela primeira vez, pela manifestação minuciosa de sua natureza fundamenta – sua falta de raízes. (IDEM, 2011: 1199).

O caminho seguinte, evidencia o abismo que direciona o ser humano para uma vacuidade criativa, na qual sua relação com as coisas congrega tudo em uma mesma natureza, ou seja, o lugar onde as flores, o arranjo, o florista e o ato de fazer o arranjo são a mesma coisa, ou o lugar onde a mosca, o anjo, Deus e o eu são o mesmo.

REFERÊNCIAS:

ECKHART, M. (Quint, DW II). *Die deutschen und lateinischen Werke* : Predigten ; Zweiter Band. Ed. Josef Quint. Stuttgart: Kohlhammer, 1988.

HEISIG, J. *Philosophers of Nothingness: An Essay on the Kyoto School*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2001.

NIETZSCHE, F. W. (KSA 3). *Kritische Studienausgabe in 15 Bänden* ; Band 3. Morgenröte, Idyllen aus Messina, Die fröhliche Wissenschaft. Ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. München: De Gruyter, 1999.

NIETZSCHE, F. W. (KSA 4). *Kritische Studienausgabe in 15 Bänden* : Band 4. Also sprach Zarathustra. Ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. München: De Gruyter, 1999.

NISHITANI Keiji. (NKC 1). *Nishitani Keiji chosakushū* (Obras reunidas de Keiji Nishitani) ; v. 1. Tōkyō: Sōbunsha, 1988.